

# Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL  
23 DE SETEMBRO DE 2022





# Sumário

## Editorial

3 *Claudia Zortea*

## Amazônia Legal (poema)

4 **Retorno**  
*Maria Elizabete N. de Oliveira*

## Carta ao escritor

6 **Cartas ao escritor Itamar Vieira Junior**  
*Rayssa Duarte Marques Cabral e Luciene Candia*

## Conto

10 **Natalina Soledad**  
*Conceição Evaristo*

## Resenha

14 **As Asas Inaudíveis de Maria Elizabete Nascimento de Oliveira**  
*Eduardo Martins*

## Crônica

18 **Entre o Bife e a Salada**  
*Claudio Birck*

## Ensaio

20 **Insubmissas lágrimas, porém a Conta-gotas ou Literatura: substantivo feminino**  
*Oluwa Seyi Salles Bento*

## Artigo

24 **A Ponte Aérea dos "Retornados": Contornos de Figurativização e Ambivalência na Obra Os Retornados – Um Amor Nunca se Esquece, de Júlio Magalhães**  
*Altair Sofientini Ciecowski*

# Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

**Direção geral:** Walnice Vilalva

**Equipe editorial:** Walnice A. Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias e Natália Marques da Silva.

**Artista Visual Homenageada (in memoriam):** Capucine Piccaroli

**Colaboradores:** Maria Elizabete Nascimento de Oliveira, Rayssa Duarte Marques Cabral, Luciene Candia, Conceição Evaristo, Eduardo Martins, Claudio Birck, Oluwa Seyi Salles Bento e Altair Sofientini Ciecowski.

**Diagramação:** Umberto Rios Magalhães

**CONTATO**

**email:** nodoanobrim.mt@gmail.com

**Publicação das edições de 2022**

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2022. Para acessar as regras de submissão, clique no link:

<https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



**UNEMAT**

Universidade do Estado de Mato Grosso  
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,  
Tangará da Serra - MT, 78300-000

# Editorial

O **Suplemento Literário Nódoa no Brim**, em sua 79ª Edição, é ilustrado pelas pinturas de Capucine Piccaroli, artista plástica brasileira contemporânea, falecida em agosto de 2018. A arte de Capu apresenta aspectos culturais de povos diversos, propondo diálogos entre o erudito e o popular. As cores vibrantes e as formas sensuais captam a atenção de quem observa. "É essa ludicidade empenhada na experiência estética mimetizada por uma alegria inerente à sua personalidade que sempre chama a atenção de críticos e colecionadores no mundo todo." A artista já participou de exposições individuais e integrou outras coletivas pelo Brasil e pelo mundo.

Especialmente nesta edição, o **Nódoa** publica duas **Cartas ao escritor**. Luciene Candia e Rayssa Duarte, organizadoras do e-book **Torto Arado: Perspectivas críticas<sup>1</sup> (2022)**, pela editora Bordô-Grená, escrevem para Itamar Vieira Junior. Cada carta tem seu tom: ao ler Luciene Candia, sentimo-nos espiões de uma conversa a dois; Rayssa expressa a felicidade que sente ao poder valorizar, por meio do e-book, a obra de Itamar Vieira Junior.

*As Asas Inaudíveis de Maria Elizabete Nascimento de Oliveira* é o título da resenha enviada ao **Nódoa** pelo poeta e também pesquisador Eduardo Martins. Ele faz uma atenta análise do

[1] Link de acesso ao e-book: ([E-books\\_2022\\_-\\_Editorabordogrena](#))



Claudia Zortea

livro de poesias **Asas do inaudível em luzes de vaga-lume**, o primeiro livro publicado pela escritora Maria Elizabete Nascimento. Para Eduardo Martins, o livro é "um gesto de escuta no mundo que se alcança por meio das asas em sua representação simbólica: o mundo do voo." Maria Elizabete Nascimento também está na seção **Amazônia Legal**, com o poema *Retorno*, publicado na coletânea **Mulheres das letras na lua** (2021), pela Editora In-Finita.

Quem assina a crônica desta edição é Claudio Birck, que além de pesquisador, escreve com frequência textos literários, como poesias, contos, crônicas. Mas esta, para felicidade deste periódico e de seus leitores, é sua primeira publicação. Desejamos que *Entre o bife e a salada* seja o início de sua jornada como autor de textos literários.

Oluwa Seyi Salles Bento nos enviou um bellissimo ensaio comparando dois contos de duas potentes obras literárias. Um dos contos é *Natalina Soledad*, da obra **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**, de Conceição Evaristo; o outro conto é *Carmita Surana*, da obra **Conta-gotas**, de Luciene Carvalho. A aproximação dos contos mostra que os "textos são histórias que ora almejam ter vários narradores em primeira pessoa e suscitar o compartilhamento de muitas outras histórias e ora irradiam e estruturam outras tantas histórias, demonstrando que a liberdade e o direito à voz podem e *precisam* ser experienciados por todas as mulheres para que sejam efetivos." Trouxemos para esta edição, o conto de Evaristo, para que os leitores do **Nódoa** apreciem, além do texto crítico sobre os contos, esta instigante narrativa literária.

Finaliza esta edição o artigo *A ponte aérea dos "retornados": contornos de figurativização e ambivalência na obra Os Retornados – um amor nunca se esquece, de Júlio Magalhães*, de autoria do pesquisador Altair Sofientini Ciecowski. Sobre a obra, o autor afirma que: "traz em seu bojo a realidade de muitos portugueses que tiveram que regressar à metrópole em uma ponte aérea por ocasião da independência de Angola, considerada a joia do império português". Altair faz uma contextualização histórica sobre o evento do retorno dos portugueses e seus filhos que nasceram em Angola e desenvolve uma interessante reflexão sobre esta ruptura que envolve indignação e saudosismo.

Boa Leitura!



## RETORNO

Saio de mim,  
desço a ladeira,  
engulo o tempo,  
anseio o futuro.  
Perco-me!  
Sem sentimento de mundo,  
sigo a rota,  
levada pela corrente.  
Mas, viver!?  
Viver é exigência vagarosa,  
volto pra dentro,  
subo a ladeira,  
regurgito o tempo.  
Vazia de tudo,  
reencontro-me.  
Agora?!  
Agora anseio o presente,  
com o sentimento do mundo.  
Nascentes abrem-se em mim,  
gosmo em minhas pedras,  
registros inaudíveis,  
em prosa de caracol.

Mulheres das letras na lua. Editora In-Finita, 2021.



**Maria Elizabete Nascimento de Oliveira**

Doutora em Estudos Literários pela UNEMAT. Livros publicados: Educação Ambiental e Manoel de Barros; Asas do inaudível em luzes de vaga-lume; Sinfonia de Letras; Participação em diversas coletâneas literárias (poesia) Professora de língua portuguesa, atuando na Diretoria Regional de Educação em Cáceres/MT.

*E-mail: [maria.elizabete@unemat.br](mailto:maria.elizabete@unemat.br)*



## Cartas para o escritor Itamar Vieira Junior



**Rayssa Duarte Marques Cabral**

Licenciada em letras e bacharela em Direito. Mestra em Estudos de Linguagem; Doutoranda em Estudos Literários pela UNEMAT. Atua como professora da Rede Pública Estadual de Mato Grosso, advogada e revisora de textos. Organizadora do livro *Torto arado: perspectivas críticas* (2022) pela Editora Bordô-Grená.

[rayssa.cabral@unemat.br](mailto:rayssa.cabral@unemat.br)



**Luciene Candia**

Também conhecida como Luti, nasceu em Cáceres (MT). É doutoranda em Estudos Literários, professora de língua portuguesa, literaturas e de PLE (português para estrangeiros), costureira e cinéfila. É pesquisadora das obras de Caio Fernando Abreu e Manuel Puig.

[candialuti@gmail.com](mailto:candialuti@gmail.com)

Cuiabá, 23 de setembro de 2022.

Querido Itamar,

Escrevo esta carta a você, com a alegria que invade o meu coração por poder valorizar a sua obra literária. Não é um privilégio que escritores possam desfrutar de reconhecimento em vida? Acredito que sim e que a Academia deve andar de mãos dadas com esse processo. Afinal, também temos de ler os contemporâneos!

Caso ainda não saiba, Luciene Candia e eu organizamos uma obra crítica sobre o seu *Torto arado*. Além de nossos textos, contamos com a participação de outras pessoas que, além do comprometimento com a pesquisa - verdadeiro ato de resistência neste país que não nos valoriza como produtores de conhecimento -, há um desejo de disseminar a literatura afro-brasileira e reafirmar a sua importância no cenário literário nacional e, claro, também internacional.

Tivemos a alegria, também, de realizar breves entrevistas com o professor Eduardo de Assis Duarte e com o poeta Joe Sales. Um espaço em que o diálogo pôde se estabelecer de forma mais despreocupada, mas, ainda assim, consistente, potente. Que maravilhoso seria se pudéssemos ter esse tipo de conversa fora dos muros da universidade, nos cafés, nos bares, nos parques, em qualquer lugar!

Espero que o seu romance chegue a cada vez mais pessoas e que o nosso livro *Torto arado: perspectivas críticas* possa contribuir de alguma forma para ampliar as reflexões ali propostas.

Aguardo as próximas obras que você escreverá, pois tenho certeza que abalarão as estruturas e servirão de combustível para que sigamos lutando e resistindo, além da literatura, na pesquisa, e, claro, no Brasil.

Um forte abraço,

Rayssa Duarte Marques Cabral

Final de um inverno torto mato-grossense.

Itamar,

Há um tempo, eu havia escrito em algum lugar que escrever cartas é escrever-se. É impossível não se rasgar nesse gênero quando queremos exprimir emoções. Então, aqui não vai ser diferente, exponho propositalmente fragmentos da minha história (e de indignação) que se entrelaçam às memórias da família de Zeca Chapéu Grande.

Meu avô materno desbravou as fronteiras do Paraguai, passando pela Bolívia e chegou a Cáceres-MT, fixou residência em uma comunidade de imigrantes. Vovô tinha apenas 13 anos e uma família para administrar no novo território. Aquele pedaço de terra fora adquirido à custa de muitos anos de trabalho na agricultura e com o gado. O trabalho duro na roça do patrão fazendeiro, e ainda os cuidados com as plantações na própria roça, renderam aos meus avós graves problemas de saúde. Vovô morreu há mais de 20 anos, teve uma embolia pulmonar, após sofrer anos com uma saúde debilitada...

Apesar, Itamar, de *Torto arado* me trazer boas memórias da minha infância, também trouxe a consciência de que minha família (como tantas outras nos rincões desse país), imigrantes pobres nesse estado rico, foi duramente explorada, resultando em corpos adoecidos, desesperançosos e esgotados. Sou neta e sobrinha de peões, pescadores e agricultores, e filha de ex-empregada doméstica que descobriu, na hora de se aposentar, que duas antigas patroas não haviam repassado o INSS, embora descontados na CLT, impedindo que ela usufruísse, hoje, da famigerada aposentadoria a qual teria direito. O mesmo aconteceu com um tio peão, que depois de décadas dedicadas ao serviço em fazendas de produção de leite, também teve seus direitos usurpados pelos patrões.

O que me resta te dizer, meu caro, nessa cartinha curta e confusa é que exploradores NÃO PASSARÃO, e os fascistas também não! *Torto arado* é um romance inteiramente alinhado à resistência política de esquerda. Assim como *Belô* e *Bibiana*, estamos dando respostas ao sistema que tanto oprimiu os nossos. Por aqui, minha prima, filha do tio injustiçado, formou-se médica mês passado. Adolescente, ela desistiu dos estudos porque engravidou, e precisava ajudar o marido, também peão de fazenda. Hoje, livre, ela vai se especializar em geriatria. Eu, se as deusas permitirem, me tornarei doutora em literatura ano que vem. Até lá, só posso reproduzir a fala de *Belô*: "a cada hora sua agonia", e te agradecer pela força de sua escritura que implacavelmente já está inscrita na história da literatura brasileira, e dos estudos literários.

Um forte abraço, Luti.

Ps. Meus avós na roça da família, e eu, ao fundo, apoiada na parede de taquaras da nossa antiga cozinha.



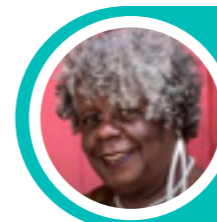


## NATALINA SOLEDAD

Natalina Soledad, a mulher que havia criado o seu próprio nome, provocou o meu desejo de escuta, justamente pelo fato dela ter conseguido se autônomoar. Depois de petições e justificativas, ela conseguiu se desfazer do nome anterior, aquele do batismo e do registro, para conceber um outro nome para si. Mudança aceita pelas autoridades do cartório da pequena cidade em que ela morava. E, a partir desse feito, Natalina Soledad começou a narração de sua história, para quem quisesse escutá-la. E eu, viciada em ouvir histórias alheias, não me contive quando soube da facilidade que me esperava. Digo, porém, que a história de Natalina Soledad, era muito maior e, como em outras, escolhi só alguns fatos, repito, elegi e registrei, aqui, somente estas passagens:

Natalina Soledad, tendo nascido mulher, a sétima, depois dos seis filhos homens, não foi bem recebida pelo pai e não encontrou acolhida no colo da mãe. O homem, garboso de sua masculinidade, que, a seu ver, ficava comprovada a cada

filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que o seu sétimo rebento era uma menina. Como podia ser? - pensava ele - de sua rija vara só saía varão! Estaria falhando? Seria a idade? Não, não podia ser... Seu avô, pai de seu pai, mesmo com a idade avançada, na quinta mulher havia feito um menino homem. E todos os treze filhos do velho, nascidos dos casamentos anteriores, tinham nascido meninos homens. Seu pai, o mais velho dos treze, não havia seguido a mesma trajetória do velho Arlindo Silveira, tivera um único filho, ele. Mas também morreria cedo, antes dos vinte e, devido a esse fato, ele tinha mais lembranças do avô do que do pai. Fora criado pelo velho. Talvez, se Arlindo Silveira Filho tivesse vivido o mesmo tempo que o patriarca vivera, quem sabe não se igualaria ao outro, na façanha de conceber filhos machos, pensava Arlindo Silveira Neto. E ele, o neto mais velho, que tanto queria retomar a façanha do avô, vê agora um troço menina, que vinha ser sua filha.



### Conceição Evaristo

Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série Cadernos Negros, publicada pela organização. É Mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Suas obras, em especial o romance Poncia Vicêncio, de 2003, abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. A obra foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007.

Informações contidas no livro *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

Traição de seu corpo? Ou, quem sabe, do corpo de sua mulher? Traição, traição de primeira! De seu corpo não podia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina. Sua mulher devia ter se metido com alguém e ali estava a prova. Uma menina! Só podia ser filha de outro! E, desde o nascimento da menina, Silveira Neto, que até então cumpria fielmente o seu de ver de marido - segundo a visão dele - deixou de se aproximar da mulher, tomou nojo do corpo desobediente dela, do corpo traidor de sua esposa. E Maria Anita Silveira, entre lamentos e desejos, mal amamentou a criança. Descuidou-se propositalmente dela e até concordou que o pai nomeasse a filha de Troçoléia Malvina Silveira. A criança só herdou o Silveira no sobrenome, porque a ausência desse indicador familiar poderia levantar a suspeita de que algo desonroso manchava a autoridade dele. E, como não queria passar por mais esse vexame, permitiu que a coisa menina, mal-vinda ao seio familiar, fizesse parte da prole dele, mas só no nome. Com o tempo, haveria de descobrir uma maneira de mantê-la longe, bem longe de casa. Nada de deixar alguma herança para ela. A coisa só pedia e merecia o esquecimento, a mãe também. A esposa, desassossegada diante do desprezo do marido, não percebia que, no crescimento da menina, uma expressão igual à de Arlindo Silveira Neto, marcava o rosto e o jeito da filha. Nem os meninos homens tinham tanta semelhança com o pai. Ele, raivosamente, intuía.

A menina Silveira crescia a contragosto dos pais. Solitária, aprendera quase tudo por si mesma, desde o pentear dos cabelos até os mais difíceis exercícios de matemática, assim como se cuidar no período dos íntimos sangramentos. Dos cadernos e dos livros velhos desprezados pela prole masculina, que começava os estudos, ainda quando cada um

**A menina Silveira crescia a contragosto dos pais. Solitária, aprendera quase tudo por si mesma, desde o pentear dos cabelos até os mais difíceis exercícios de matemática**

precisava de auxílio para suspender a cueca, sozinha, ela recolhia suas lições. Silveirinha, como era chamada por alguns, de maneira autodidata, ia construindo seu aprendizado e ganhando uma sapiência incomum para a sua idade. Só mais tarde, depois de ter como cúmplice a voz de um de seus irmãos, obteve a concordância do pai e, conseqüentemente, a da mãe, para frequentar a escola. E foi então, na ambiência escolar, ao ser vítima dos deboches dos colegas, que a menina Silveira atinou com a carga de desprezo que o pai e a mãe lhe devotavam e que se traduzia no nome que lhe haviam imposto. Mas, para a surpresa da família, a menina Silveirinha se negava a responder a qualquer chamado, em que o seu nome, aquele de registro e de batismo, não fosse inteiramente dito. Na escola, em casa, na vizinhança, na igreja e em qualquer lugar que fosse, ela se desconhecia como Silveirinha. Enfaticamente, anunciava a todas as pessoas, grandes e pequenas, que o seu nome era: Troçoléia Malvina Silveira. Pronunciamento feito em todas as ocasiões, inclusive para os namorados que veio a ter mais tarde. Para o pai e

para a mãe, tal atitude lhes permitiu, nas poucas vezes em que se dirigiam a ela, pronunciarem a antiga raiva, o doloroso incômodo que o nascimento dela havia causado. Entretanto, a menina Silveira, ali por volta dos doze anos, momentos de sua entronização na rua, passou a ignorar a existência dos seus.

Cultivar um sentimento de desprezo pelos pais, na mesma proporção em que eles não lhe ofereciam nenhum abraço de resguardo, se tornou, para a menina Silveira, um modo simultâneo de ataque e defesa. Ostensivamente, ignorava a presença dos dois, não só na intimidade familiar, mas fora dela também. Dentro de casa, muitas vezes tateava o espaço

como se estivesse no escuro, ou melhor, no escuro estava, pois andava de olhos fechados quando percebia qualquer proximidade dos dois. Não suportava vê-los. Recusava sentar-se à mesa, alimentava-se no quarto ou na cozinha e, como uma sombra, quase invisível, transitava em silêncio, de seu quarto ao banheiro e à cozinha, mesmo entre os seus irmãos. Da voz, da fala de seus familiares, não criou necessidade alguma. Bastavam-lhe os resumidos gestos que compunham a comunicação entre ela e a única doméstica da casa. O carinho morava na cozinha Vinha de Margarida, o lenitivo para a dura existência da menina; mesmo assim, um dia tudo acabou. A moça, à custa de muito sofrimento, se viu obrigada a romper o elo fraterno que havia entre ela e Silverinha. Era impossível continuar trabalhando em uma casa, onde o dono, a dona e seus filhos, aos berros, como se surda ela fosse, ditavam todas as ordens, com gestos de quem brame um chicote no ar. E receber um salário minguado que não compensava nenhum trabalho e, muito menos, qualquer sofrimento. Sentia pela menina e a solidão de gente grande que ela experimentava desde pequenina, desde sempre. Silveirinha, mesmo percebendo o acolhimento da outra moça, que chegou mais tarde para trabalhar no lugar de Margarida continuou acomodada em sua solidão. Tinha um só propósito. Um grande propósito. Inventar para si outro nome. E, para criar outro nome, para se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar, esfarinhar aquele que lhe haviam imposto. Pacientemente, a menina Silveirinha esperou. A moça Silveirinha esperou. A mulher Silveirinha esperou. E, nas diversas andanças do tempo sobre o corpo dela, muitos acontecimentos. Os irmãos cresceram mais e mais. Sobrinhas e sobrinhos chegaram. Pai e mãe envelheceram. O desprezo recíproco, entre ela e os seus, continuou e respingou sobre a prole infantil que se formava. Tia esquisita aquela, - diziam os sobrinhos -, desde o nome. Tia que pouco saía de seu quarto. Não tão jovem, não tão velha. Quantos anos teria a Tia Troçoléia

Malvina Silveira? Que nome! Que nome! Tão esquisita essa tia! Talvez por isso o vô e a vó lhe tivessem dado esse nome... E as crianças cresciam rejeitando a tia, que também rejeitava os sobrinhos.

Silveirinha, já adulta, depois de alguns pouquíssimos amores, - aliás, nem amores eram, e sim raríssimos encontros, sem graça alguma, com homens de belos nomes -, desistiu também do amor a dois. Dos amores múltiplos de família, ela não experimentava lembrança alguma. Pouco se importava, só o único desejo a perseguia: o de se rebatizar, o de se autoneamar. Em suas leituras, das mais diversas, entendia que o direito que ela havia desejado desde criança, na prática, existia. Aos dezoito anos - dizia para ela mesma - toda pessoa, vítima de seu próprio nome, pode trocá-lo. Mas Silverinha, somente aos trinta, decidiu. Nem ela sabia explicar por que aguardou tanto tempo. Talvez - penso eu -, apesar de tudo, por um inexplicável respeito aos pais. Sim, pois só depois que os dois, vítimas de um desastre de carro, morreram, foi que Silveirinha tomou a decisão. Rumou ao cartório para se despir do nome e da condição antiga. Abdicou da parte da herança que lhe caberia. O pai resolvera não lhe deserdar e deixou-lhe algumas casinhas que lhe forneceria rendas para viver. Rejeitou também a incorporação do sobrenome familiar - Silveira - ao seu novo nome. E, sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele que aparecia escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad. O tabelião, não crendo, tentou argumentar que aquele nome destoava da denominação familiar dos Silveiras e que era meio esquisito também. Por que Natalina Soledad? por quê?

Natalina Soledad - nome, o qual me chamo - repetiu a mulher que escolhera o seu próprio nome.

Conceição Evaristo, em **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Belo Horizonte: Editorial Malê. 2016. p. 19 -25.



## As Asas Inaudíveis de Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

Poucas coisas não cabem nas asas da poesia, especialmente, as palavras. Não me refiro aqui àquela palavra comum que a grande maioria pensa dominar, que a grande maioria pensa ouvir. Refiro-me aqui à palavra que sabe e quer experienciar o voo nas asas do invento, da criação. Isso é o que me parece fazer a poeta Maria Elizabete Nascimento de Oliveira<sup>1</sup>, mulher, mãe e avó que soube chegar ao seu posto de professora doutora sem a arrogância da grande maioria que apenas “macaqueia a sintaxe lusíada”, como bem diria o meu estimado poeta Manuel Bandeira<sup>1</sup>.

Não fosse isso, me contentaria com e me bastariam a Filosofia, a História ou a Sociologia que tanto se quer neste mundo de linguagens e expressões de reinventos. Neste caso, como expõe Octávio Paz<sup>3</sup>, “a palavra, quando é criação, desnuda” e sua “primeira virtude tanto para o poeta como para o leitor é a revelação do ser. A consciência

[1] Autora do livro: **Asas do inaudível em luzes de vaga-lume**. Cuiabá: Tanta tinta, 2019.

[2] BANDEIRA, Manuel. Evocação do Recife. In: **Estrela da vida inteira**. 2 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1970.

[3] PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.



**Eduardo Martins**

Professor da Universidade Federal de Rondônia, UNIR, membro do corpo docente do PPGEL da UNEMAT. Ao lado de Francisco Espinhara, iniciou o Movimento dos Escritores Independentes nos anos 1980. Possui vários livros publicados, entre eles: *Procissão da palavra*, *O lado aberto*, *A palavra falta*, *Retalhos de Água* e *Sígnos Secos*.

[edubarmel@hotmail.com](mailto:edubarmel@hotmail.com)



das palavras leva à consciência de si: a conhecer-se e a reconhecer-se". Assim "A **poesia** é o ponto de intersecção entre o poder divino e a liberdade humana" ou ainda "salvação, poder e abandono". Este mundo em que brincamos de armar e rearmar nossos desejos e nossas frustrações, onde só cabem incompletudes e expectativas do que pensamos realizar. Nesse sentido: "A palavra é o próprio homem. Somos feitos de palavras. Elas são a nossa realidade ou, pelo menos, o único testemunho de nossa realidade" (PAZ, 1982). O testemunho que entregamos na forma inventiva e criativa da linguagem poética.

Neste sentido, torna-se "Desejos" incompletos, arquivados em cada um de nós que a lê e nela se projeta como imagem de nossas inexistências ou nossas faltas, o mundo das negatividades criativas de Stéphane Mallarmé<sup>4</sup>, capaz de deixar ao acaso o próprio acaso e torná-lo efetivamente indispensável e inesquecível como primeira e única visão.

Assim, nosso "lance de dados" pelos "vales cheios de heras e sobras" e os "caminhos nebulosos do sol poente", retoma pelas mãos da autora o velho e bom princípio da poesia como trajeto, imagem nebulosa que se precipita pela palavra:

### Volta

Faço o caminho inverso  
em versos  
nadando para dentro  
de mim.  
(OLIVEIRA, 2019, p. 24).

Disso, na forma que pretensamente inaugura uma carreira poética, o livro **Asas do Inaudível**, transporta os voos dessa poética nesta direção, na direção de si mesma como toda poesia que se

[4] BAUDELAIRE, Charles. **Les Fleurs du mal**, 1857.

pretende grande, simples e forte, e parece se impor com fôlego e voz inconfundíveis. E o que seria da poesia se não fossem essas pessoas que, de alguma forma, ousam penetrar "surdamente no reino das palavras" ou em suas reverberações? Aquilo que faz ecoar em silêncio e que a muito poucos é "dado lê-la" e fazê-la com maestria e sensibilidade.

Em seu primeiro livro de poesia, acredito sem dúvida alguma, que a poeta transita por estas paragens, no sentido que só a verdadeira poesia é capaz de inventar. Não como muitos querem, instrumento da História, da Filosofia ou da Sociologia, mas como invenção de si mesma, de uma existência, que é capaz de ir além do fato, de suas interrogações, de sua solidariedade ou de suas vivências.

O ser que é capaz de inventar o próprio nascimento de todas as verdades, de todos os sons daquilo que nos parece inaudível em sua linguagem e em seu campo metafórico e que se apresenta logo de cara nas orelhas desse mundo enquanto mundo do "Silêncio", como temos no poema da primeira orelha do livro que contempla todas as vozes e todas as solidariedades, todos os fatos. Todos os braços que cabem em nossos abraços. Este é o livro, um gesto de escuta no mundo que se alcança por meio das asas em sua representação simbólica: o mundo do voo. Um voo de silêncios que "nunca é ausência", que "perfuma o sonho" que se torna "companheiro de redenção". São "Desejos", campos imagéticos que cabem nas "Singularidades" que percebemos por todas as páginas, em especial, no poema "Armação" que aqui transcrevo porque me parece sintetizar bem a decolagem expressiva que Elizabete constrói:

### Armação

Uma lente poética  
projetada no espaço.  
Retalhos de reexistências,

óculos sem armação,  
pedaços do tempo,  
memórias,  
travessias,  
sentidos sem razão.  
(OLIVEIRA, 2019, p. 63).

Constrói porque possui a "lente" capaz de projetar as imagens que só a poesia nos propicia em "óculos sem armação", "Retalhos de Reexistências" e reentrâncias que se reinventam a partir de si mesmas, enquanto fragmentos de memórias e "sentidos sem razão". A poesia de Elizabete segue por estas asas, não pelas asas comuns, que alçam os mesmos voos ou ouvem as mesmas histórias, aquilo que Roland Barthes<sup>5</sup>, no ensaio "Existe uma escrita poética?", ousou lembrar. Posso aqui estar equivocado, mas parece que cada vez mais entramos em rota de colisão com a própria essência da poesia. Não que a poesia não possa e não se faça do ato da experiência autoral, mas só isso é muito pouco, aliás, é nada.

Penso aqui no que nos disse T.S. Eliot<sup>6</sup>: "a poesia não é um modo de libertar a emoção, mas uma fuga da emoção; não é uma expressão da própria personalidade, mas uma fuga da personalidade", e lembro sobre este ato de "escrita poética" de Barthes ou de ir além dele.

Talvez Eliot em sua humildade tentasse, por meio dessas palavras, nos mostrar o quanto a poesia estava distante de ser aquilo que pensamos, vivemos ou sentimos. Talvez aqui reverberasse a força expressiva que se constitui de singularidades e linguagens. Talvez seja isso que Elizabete nos traz em suas asas ou em seus "retalhos", uma forma de compor a partir de fios ou pedaços de tecidos de que se alimenta nossa ilusão em suas múltiplas formas inaudíveis de voos.

Nesse sentido, a poesia seria "linguagem carregada de significação", como diria Ezra Pound<sup>7</sup> (2006), ou ainda, carregada de ares e ventos que transpiram esta significação. Claro, antes de qualquer compromisso, o

primeiro compromisso de qualquer poesia é consigo mesma, sua singularidade, suas vozes e suas escutas, capazes de alçar voos quase sempre em segredo.

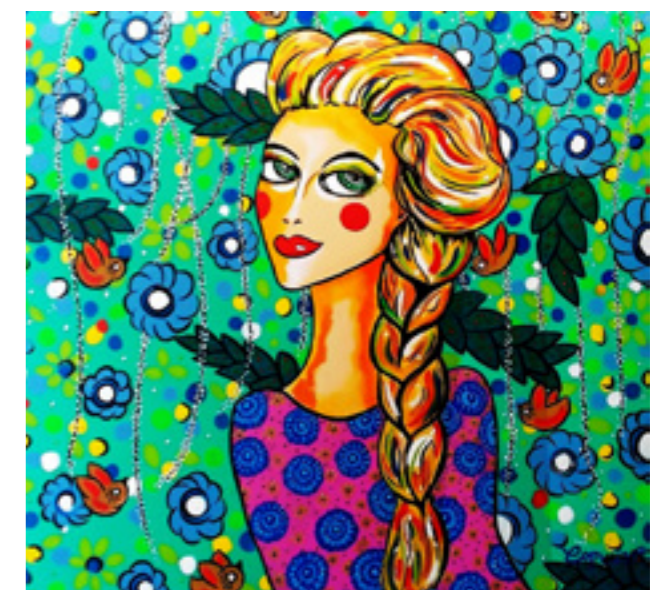
Por isso faço questão aqui de chamar a atenção para este ou estes poemas que se reificam no próprio ato da escrita, no sentido de se refazer, de se tornar novidade, de viver a mesma "escrivência" na reinvenção. Parece-me ser este o universo de Maria Elizabete Nascimento de Oliveira que se traduz pelo silêncio, penetrando "surdamente o reino das palavras<sup>8</sup>" para ouvir a "Flauta" e ser "Aprendiz" como todo pretendente que almeja esse posto sublime, aqui, por estes pântanos quase ao norte. E este seu primeiro voo já segue para perto dos que aí pretendem chegar. Parabéns pelas asas e pelos poucos ouvidos que lhes deu, afinal, a poesia já é escuta de si mesma.

[5] Escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês.

[6] ELIOT. T. S. *Selected Essays*. Londres, 1958, apud, **Teoria Poética de Fernando Pessoa**, LIND, Georg Rudolf. Porto, Editorial inova, 1970. IN: file:///C:/Users/Adriana/Desktop/Eliot.pdf Acesso: 23.02.2021 às 15h26.

[7] POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

[8] ANDRADE. Carlos Drummond. **Procura da poesia**. <https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/460651/> Acesso: 23.02.2021 às 14h





## ENTRE O BIFE E A SALADA

Na minha rotina, normalmente a hora do almoço é momento de parar, comer, por óbvio e descansar. Entretanto, a vida agitada nos impede de fazer uma única coisa, se der para aproveitar o tempo, ótimo, afinal “tempo é dinheiro”, logo não podemos perdê-lo.

Então sento para comer, e não interessa

onde, mas particularmente prefiro a mesa da cozinha. Não é uma ação que eu faço de forma isolada, ela vem acompanhada de outras ações possíveis. Diálogo com a esposa, ou ligar a televisão e ter olhos ou ouvidos atentos para acompanhar as notícias, ainda que importe, por vezes, provocar indignação, com o que

se ouve e se vê. Invariavelmente essa ação de manter a televisão ligada vem seguida da determinação de desligá-la, pois, segundo minha esposa, precisamos “comer em paz”.

Embora os telejornais e seus editores tenham ciência do que acontece no horário de almoço, por exemplo, é comum que os noticiários nesse horário não tenham filtros condizentes com o ato de comer. Tem que se dar a notícia, independentemente do quão tosca, violenta ou nojenta ela seja. Vai para a tela e, de forma rotineira, em qualquer da emissora, umas mais que a as outras, vai haver aquela chamada que efetivamente se dá mais atenção. E assim vai. Ainda que não seja novidade, a violência sempre tem seu destaque. Se for homicídio, mais força há na chamada, e quanto mais violento, maior é a ênfase.

Estamos acostumados a observar tudo a nossa volta, natureza viva ou morta, paisagens, movimentos. Mas quando nos deparamos com a violência nas imagens da televisão, temos nossa atenção atraída, desviamos o olhar e a atenção para ver. As vezes tecemos comentários, criticamos, julgamos e condenamos as ações violentas. Algumas vezes temos reação negativa mais rápida, outras nem tanto.

Essa violência cada vez é mais frequente e, por uns, até tida como normal, pois é rotineira, claro que enquanto ela estiver longe de nossa casa, do nosso trabalho, enfim de nossa vida, não nos diz respeito. Nos incomoda, mas acreditamos que essa violência é somente ação de alguns daqueles que vivem em guetos sociais, e que merecem a devida providência estatal de contenção, de segregação, afinal cadeia é lugar de bandido. Nos escapa aos olhos, no entanto, que essa violência não é restrita a esses nichos sociais. Aliás ela pode estar mais próxima do que nós mesmo podemos imaginar.

A violência começa com o próprio preconceito

em relação aos grupos minoritários que lutam por seu espaço, espaço este que nós entendemos que seja só nosso e que não merece ser dividido. Começa quando compreendemos que temos direito a manutenção de nossos vícios, mas que a ação dos que nos abastecem é a única que merece ser criminalizada. Quando acreditamos que a violência contra a mulher é só aquela que é cometida contra a mulher vulnerável que mora na periferia, e que não tem outra condição a não ser a de submissão, mas nos recusamos a oferecer um melhor salário àquela que trabalha em nossa casa ou empresa, por que pagamos o que o Estado prevê que paguemos.

E assim seguimos nosso almoço, cujas sobras terão como destino o lixo, onde se alguém quiser, que vá procurar. O que não aceitaremos é que ao revirar nosso lixo, não o reacomode da forma que deixamos, afinal somos civilizados, os ditos “cidadãos respeitados” e não gostamos de ver a cidade suja, muito menos que nos acusem de sermos os causadores.

Entre uma mastigada e outra de nosso almoço, entre o bife e o arroz, a salada e a sobremesa, desligamos a televisão para que cesse o transbordamento de violência. Mas isso é passageiro. Passado o noticiário, saciada nossa fome, tudo se acaba. Podemos retornar a pensar na poesia existente no jardim de nossa casa. Nós assistimos, mas não vemos o que de fato aconteceu.

Continuamos nos imaginado aquele povo receptivo e acolhedor que é retratado em músicas, em festas, mas escondidos entre muros e grades. Continuamos acreditando que somos o País do futebol, e logo após as notícias ruins, serão mostrados os gols do nosso time do coração. E a derrota dele, do nosso time, isso sim provocará comoção, tristeza, angústia, pois essa nos machuca profundamente.

la esquecendo, agora cabe um cafezinho.



**Claudio Birck**

Graduado em DIREITO pelo INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DE SANTO ANGELO (2001) e Pós-Graduado em Docência em Ensino Superior pela UNOPAR (2015). Atua como Advogado desde 2006. Atualmente é professor da CN CURSOS LIVRES E PROFISSIONALIZANTES LTDA. É Mestrando pela Universidade do Estado do Mato Grosso, na linha de pesquisa Literatura, história e memória cultural.

[claudio.birck@unemat.br](mailto:claudio.birck@unemat.br)

## Insubmissas lágrimas, porém a Conta-gotas ou Literatura: substantivo feminino

Belo Horizonte e Corumbá são cidades distantes do mar, mas viram nascer e verter a água-poesia de Conceição Evaristo (1946 - ) e Luciene Carvalho (1965 - ): mulheres negras escritoras, abundantes. Ainda na década de 70, a mulher mineira e a menina sul-mato-grossense saíram de suas terras natais rumo, respectivamente, ao Rio de Janeiro e à Cuiabá, metrópoles que foram lar e foz de sua arte. Conceição, que emana literatura desde a adolescência, teve seus primeiros poemas publicados depois dos quarenta anos, em 1990, na coletânea **Cadernos Negros**; Luciene, que já recitava poesia antes mesmo dos três anos de idade, estreou no mercado editorial pouco antes dos trinta anos, em 1994, com a publicação de seu trabalho pelo Festival Livre de Arte e Música Popular (FLAMP), outra coletânea. Hoje, décadas depois, elas seguem distantes dos municípios que lhes serviram de nascente e espalham sua produção por todos os – muitos – lugares que vão.

Evaristo, que escreve nos mais variados gêneros literários, presenteou seus leitores

com o livro de contos **Insubmissas lágrimas de mulheres** (2011, Editora Malê), o qual possui, como fio condutor, a colheita da história de vida de 13 personagens negro-femininas. São mulheres e suas experiências unidas apenas pela condição de gênero e etnia. De Aramides Florença à Regina Anastácia (na ordem do sumário) ou de Adelha Santana Limoeiro à Shirley Paixão (em ordem alfabética), temos *escrevivências* independentes entre si, mas que travam diálogo no entremeio tríplice do verossímil, do histórico e do fictício.

Todos os títulos dos contos são nomes femininos, os nomes das personagens centrais das narrativas – todos construídos ora por prenome composto, ora por prenome simples seguido de patronímico (sobrenome) ou ainda prenome composto seguido de patronímico. Essa escolha de títulos sugere, em uma acepção metonímica, que as mulheres são os próprios contos, na medida em que estes guardam dados marcantes de suas vivas.

Carvalho, que também passeia pela prosa e pela poesia, encontrou em 2007 um dos anos mais produtivos em termos de publicação. Dentre os quatro livros que deu à luz naquele ano, **Conta-gotas** (2007, Instituto Usina) destaca-se como uma obra que parece tentar iluminar a pluralidade do feminino. Desde a capa – que leva o desenho de três mulheres diferentes entre si, mas que olham, todas, numa mesma direção – às dezoito narrativas experienciadas por mulheres, passando pela dedicatória da autora, numa edição a mim presenteada em 2019, durante um belo encontro na Universidade de São Paulo, tudo nesse livro apresenta e festeja o feminino.

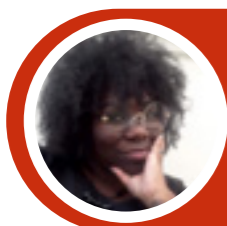
Escrita à mão ainda na primeira página rosa pastel de **Conta-gotas**, a mensagem, simples, mas determinante, antecipa a leitura e afirma que se tratam de “estórias de mulheres iluminadas”. Mas seriam também *escrevivências*? Seriam suspiros mais que possíveis, ainda vivos e guardados nas pá-

ginas? A leitura dos contos não me trouxe resposta única e sim uma fartura de possibilidades. São dezoito os contos e dezoito as conclusões. Afluentes de um mesmo rio.

Afluentes que também dão corpo às **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**, mas de um modo especial: a obra, no geral, composta por narrativas de personagens específicas, nomeadas, por vezes autoapresentadas, como que encena um desfile de mulheres. Algumas, de fato, se parecem, têm histórias cruzadas de amor, violência, apagamento e renovação, mas são independentes. E é justamente a diferença, a heterogeneidade e a alteridade, ainda que sob a égide do mesmo gênero e da mesma etnia, que lhes assegura a humanidade e o importante direito de ser diversa até na aparência.

O sujeito que captura e nos traz essas muitas mulheres, em ciranda, é um só: anônimo, abertamente feminino e pouco se autoenuncia, a fim de não ocupar o espaço destinado aos relatos. Na apresentação das narrativas, a narradora evaristiana afirma que “estas histórias não são totalmente minhas, mas quase me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas”, sendo assim, fica nítido que há um *Eu-narrador* que não é o *Eu* que participa das narrativas, à revelia dessa (con)fusão de histórias.

Em contrapartida, todos os contos de Luciene carregam uma potência de autobiografia, de relato de memória ou de observação; parecem veicular, de fato, fragmentos de experiências vividas pela autora. Isso se dá porque nada indefere que partes dos relatos que lemos – e, por vezes, quase ouvimos – sejam dados de vivência, sonho ou testemunho camuflados e esteticizados pelo fazer literário da autora. Tal leitura torna-se possível justamente pela variação entre narradores em primeira e terceira pessoa e pela pouquidade de personagens que recebem nome recompensada pela riqueza de detalhes e dados referenciais. São



### Oluwa Seyi Salles Bento

Oluwa Seyi Salles Bento é poeta, pesquisadora e professora. Possui graduação e mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo e atualmente desenvolve pesquisa de doutorado também em Letras pela mesma instituição de ensino. Seus interesses de pesquisa são a produção artística de mulheres negras e a representação da experiência afrorreligiosa nas artes.

@conceicaovaristooficial - oluwaseyi@usp.br

ruas específicas, comidas características, instituições locais apresentadas por uma voz endógena, refrescadora da memória dos de dentro e condutora dos passos dos de fora. Encarna, então, uma inventora de narrativas que talvez já existam, mas estão encobertas pelo cotidiano.

Duas narrativas, que compõe as obras que até aqui buscamos compreender, são especialmente interessantes quando vistas sob uma perspectiva comparativa. “Natalina Soledad” é a segunda mulher/história do cortejo de Evaristo, e “Carmita Surana” é a quinta narrativa e o único sujeito-título dentre os contos de Carvalho. Ambas as personagens se constroem e apresentam de maneira bastante particular: elas se assenhoreiam de si, abdicando do nome de batismo e escolhendo novas alcunhas para si. Tais atos representam o ápice do processo de autodeterminação e apontam sua ebulição, simulando a força mesma de um gêiser.

Natalina, que fora registrada como Troçoléia Malvina Silveira, tivera em seu nome uma espécie de castigo por ter nascido *coisa menina* numa família marcada e orgulhosamente masculina. Fora *troço*, desde o nome, por quase toda a vida: o pai tinha certeza de que seria fruto de traição – ou do próprio corpo ou da esposa –; a mãe nunca movera-se em defesa da menina; os irmãos e os sobrinhos julgavam-lhe esquisita; seus colegas de escola eram cruéis com ela e sua sina de rebento mal querido e abandonado. No entanto, mesmo detestando o próprio nome e compreendendo que ele era, na verdade, extensão do desprezo que nutriam por ela, a menina não aceitava apelido, atenuante ou o esquecimento de seu nome e exigia que todos dissessem-no por completo.

Trinta anos da vida de Troçoléia, a caçula

da conhecida família Silveira, se passaram, e seu maior desejo era se rebatizar: finalmente humanizar a coisa que lhe queriam. Mesmo consciente do amparo legal que possuía para, enfim, modificar o nome do qual considerava-se vítima, não o fez. “Nem ela sabia explicar por que aguardou tanto tempo. Talvez (...), apesar de tudo, por um inexplicável respeito aos pais. Sim, pois só depois que os dois, vítimas de um desastre de carro, morreram, foi que Silveirinha tomou a decisão.” (EVARISTO, [2011] 2016, p. 24-25). Assim, a antiga menina-troço, então mulher-troço, abandonou o nome e a experiência que este impunha.

O nome escolhido foi Natalina Soledad, uma justaposição do prenome de origem latina, cujo significado é “nascimento”, e da palavra *solidão*, em espanhol, ocupando o lugar do patronímico, o sobrenome. Sendo assim, podemos interpretar que este novo nome metonimiza a nova condição de nascença da personagem, tendo como genetriz a própria existência desacompanhada de amor familiar e romântico que tivera. Esse movimento de renegar o nome e o sobre-

nome, renegando também a família e seus métodos, que é o potente símbolo arrebatador da narrativa, sugere que até os laços ditados pela consanguinidade podem ser desatados, caso firam.

De modo similar, Carmita Surana também busca apagar o passado de variadas formas, construindo para si uma profusão de ilusões. O breve conto, logo no início, revela que seus brincos feitos de ouro eram “talvez as únicas coisas verdadeiras que lhe sobraram na vida” (CARVALHO, 2007, p. 19) De resto, o todo era autoficção: o outro nome (quase) rasurando o seu, de batismo; a sombra forte (talvez) encobrindo a

constante gravidez materna; o perfume fino (talvez) mascarando o odor do álcool e do abuso no suor paterno; a presença do batom (talvez) ocultando a fome dos muitos irmãos. A elegância de Carmita ensaia acobertar dores antigas e novas, acumuladas.

Seu nome de batismo, aliás, não é referido na narrativa, como se representasse uma proibição que traria à baila tudo aquilo que a mulher tanto mantinha longe dos olhos, literalmente, como o desfecho da narrativa aponta. Somente o *Carmita Surana* existe. De tão repetido, legitimado. Tal nome soa como uma corruptela de *Carmina Burana*, a conhecida cantata alemã de Carl Orff, composta entre 1935 e 1936. Porém *Carmita* é também o diminutivo de Carmen, nome cujo significado, em latim, é “canção”, “melodia” ou “poema”, tendo a mesma raiz etimológica da palavra “charme”. A escolha por este nome pela personagem dialoga intimamente com sua adoção da música como ofício. *Surana*, por sua vez, é uma planta indiana que tem odor de carne em decomposição. Utilizado na posição tradicional do sobrenome, ou seja, o nome herdado dos pais e outros ancestrais, um termo com significado de fétido metonimiza justamente a agra relação entre a personagem e sua família.

No entanto, o espelho – infame – não fazia coro ao nome autoinfligido. Ele exibia, ao contrário, sua “pobreza subcutânea e permanente”. Provavelmente exibia também que as roupas, a maquiagem, as águas de cheiro e a fatura de sua dispensa não eram adquiridas com seu trabalho como cantora, e sim como mercadora do próprio corpo, ainda que a moça desejasse viver apenas de seu talento. Carmita, apesar de alimentar a ilusão sofisticada, de bela imagem, palco e ovação do público, era consciente da impossibilidade de ser *apenas* cantora famosa “na fronteira do nada para-guaio com a miséria brasileira”. A vida, no pós-cênio, exigia o desvanecimento da artista e a manifestação da comerciante: ex-

perenciava a negociação e a entrega de si mesma, ainda que a contragosto.

Depois da transa(ção), já em casa, finalmente sozinha, são os objetos conquistados que lhe dão alento. Alento e esconderijo. Igualmente, a geladeira conserva o bem-estar alimentício de Carmita, mas também guarda (ou mantém esconsa?) uma fotografia de sua família: pelo menos ali, simbolicamente, as “bocas sempre famintas” dos tantos irmãos – e mesmo a boca da mãe enfraquecida e do pai abusivo – terão, no que depender do corpo e da voz da moça, o que comer.

Assim como Natalina, Carmita parece ainda manter vivo algum sentimento pela família, sendo que conserva sua foto. O ato desta de manter a fotografia funciona como o ato daquela de esperar anos para modificar o nome. No entanto, a negação do nome dado pelos pais e a aversão ao convívio com eles também são análogos. O já referido movimento de renegar o nome e o sobrenome, e mais, de libertação de uma opressão parental, geram sentido nas duas narrativas e apontam para uma tomada de consciência que escapa do ficcional e inflama mulheres cada dia mais livres. Águas que se recusam ao dique.

O que presenciamos, tanto em Conceição quanto em Luciene, é mesmo um aspecto da tal *escrivência* negro-feminina que impescinde seu coletivo e busca nele seu cabal impulso: são histórias que ora almejam ter vários narradores em primeira pessoa e suscitar o compartilhamento de muitas outras histórias e ora irradiam e estruturam outras tantas histórias, demonstrando que a liberdade e o direito à voz podem e ser experienciados por todas as mulheres para que sejam efetivos. Nas Minas Gerais, no Mato Grosso e no Brasil inteiro, ninguém pode conter a força das águas: a Literatura se agiganta, feminina. E melânica.



# A PONTE AÉREA DOS “RETORNADOS”: CONTORNOS DE FIGURATIVIZAÇÃO E AMBIVALÊNCIA NA OBRA *OS RETORNADOS* – *UM AMOR NUNCA SE ESQUECE*, DE JÚLIO MAGALHÃES

## 1 Introdução

*“O sol que outrora iluminava futuros sorridentes parecia agora uma bola de fogo ameaçadora, a brilhar escaldante nos céus de uma África portuguesa a cair em ruínas. Toda a gente queria fugir...” (Os retornados – um amor nunca se esquece – Júlio Magalhães).*

A obra *Os retornados - um amor nunca se esquece* (2010), é o romance de estreia do autor português Júlio Magalhães, embora o livro tenha um cunho ficcional, o autor valeu-se, seguramente, de sua experiência como “retornado”<sup>1</sup>, afinal, ele foi um dos que tiveram de regressar a Portugal por ocasião da descolonização de

[1] As expressões “retornado” ou “retornados” serão grafadas no percurso do texto sempre entre aspas, denotando um caráter ainda ambivalente e conflituoso dos termos. A seu tempo, serão devidamente contextualizados no artigo.



**Altair Sofientini Ciecowski**

Doutorando pelo PPGEL/UNEMAT, graduado em letras pela Universidade Paranaense de Umuarama, mestre em Letras pelo PPGLeTRAS da UNEMAT. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Suas principais linhas de pesquisa são: identidade; história e ficção; nacionalismo e estudos pós-coloniais. Em termos de atuação profissional é professor efetivo do Estado de Mato Grosso, município de Juara.

[altair.sofientini@unemat.br](mailto:altair.sofientini@unemat.br)

Angola. Nascido no Porto, foi para o país africano com sete meses. Em 1975, com a independência, regressou a Portugal. No romance, uma narradora onisciente apresenta, no enredo de uma história de amor, o que foi o cenário dos momentos finais da conturbada presença dos portugueses em Angola.

Interessa-nos enquanto escopo de nossa pesquisa analisar os relatos ficcionais da personagem protagonista Joana, que trabalhava como hospedeira (aeromoça) e que atuou durante o percurso do voo 233 da TAP, na “ponte aérea”<sup>2</sup> entre Angola e Portugal, criada por ocasião da iminência dos conflitos advindos da independência do país africano. De igual maneira, nos deteremos nos registros de outras duas personagens que fizeram parte do supracitado voo e, remetendo à figurativização do que foi essa “ponte aérea”, almejamos investigar os contornos de ambivalentes relatos referidos por aqueles que estiveram envolvido nesse período histórico.

Para além disso, pretende-se na análise do romance, bem como em aspectos historiográficos, apresentar evidências de inquietos rastros interditos acerca do período colonial, e assim, buscar compreender de que forma as experiências coletivas daqueles que regressaram a Portugal são (re)vivenciadas pela memória individual das personagens.

Finalmente, ao buscar compreender a representação literária e o enquadramento histórico que envolve essa literatura, refletir-se-á sobre a colonização portuguesa de uma forma geral e, de uma forma específica, na presença portuguesa em Angola.

[2] Operação de larga escala com centenas de voos que retiraram os portugueses que residiam nas ex-colônias portuguesas. A ponte aérea envolveu o exército e a aviação civil portuguesa, com o apoio da aviação de diversos outros países. Durante o pico da ponte aérea, uma média de 7000 pessoas chegava todos os dias ao aeroporto de Lisboa.

## 2 Retornar: fragmentos de histórias e memórias

*“Bem -vindos ao voo 233 da TAP. A nossa viagem com destino a Lisboa tem uma duração de 9 horas e 35 minutos. O tempo previsto em rota é bom. Peça a vossa atenção para as instruções de segurança que a seguir apresentamos” (Os retornados – um amor nunca se esquece - Júlio Magalhães).*

Com as palavras descritas na epígrafe acima, o comandante Afonso Rosa dá início aos procedimentos de decolagem do Jumbo 747. Sabia ele que não podia “alongar-se muito mais, nem sequer deixar transparecer um sorriso” (MAGALHÃES, 2010, p. 13). O Clima era tenso e deveras doloroso para todos, afinal, “ninguém naquele avião desejava fazer aquela viagem. Faziam porque eram obrigados a fugir do terror da guerra” (ibidem, p. 13). De acordo com os relatos da personagem protagonista do romance, “aquele era um cenário dantesco” (ibidem, p. 69), não conseguia imaginar como iria conseguir levar tanta gente para Lisboa:

A entrada foi precipitada. Quando todos se amontoaram junto às portas do avião, as escadas quase cederam com tanto peso. Pedia-se calma, mas ninguém conseguia conter-se. O lema era entrar, garantir o seu lugar e depois logo se via. Pelo menos 380 pessoas cabiam sentadas [...]. Quando se deu conta, Joana tinha o avião totalmente esgotado” (MAGALHÃES, 2010, p. 85).

Mas, do que fugiam? Que contexto envolvia aquela tripulação e outras tantas pessoas que aguardavam no aeroporto de Luanda para embarcarem para Lisboa

em voos subsequentes? Entendemos ser oportuno em nossa pesquisa, antes de seguirmos com a investigação da matéria ficcional acerca dos relatos das personagens daquele voo, fazermos um breve enquadramento histórico sobre esse conturbado momento em que as pessoas tiveram de deixar África, de uma forma especial em nosso recorte, Angola, por força da descolonização e da independência do país africano.

## 2.1 A presença portuguesa em Angola e o retorno

Os portugueses chegaram à atual região de Angola em 1482, iniciando o que seria uma ‘longa presença’ no litoral da África. A presença europeia na região estabeleceu-se através de relações truculentas, conforme nos assegura Cabaço (2009, p. 29), “recorreram ao uso da força, normalmente em aliança com outros chefes locais”. Foi, de veras, um período extremamente nefasto para os povos colonizados. Não raro as relações que se estabeleceram entre os portugueses e os africanos eram binárias, onde os portugueses se reconheceriam como “detentores” do conhecimento enquanto os africanos eram vistos como selvagens.

Fundamentando-se numa crença de superioridade racial, os portugueses buscavam justificar o jugo que impunham aos países africanos, referindo-se constantemente aos ‘benefícios’ que estes poderiam ter com a administração e exploração da colônia, alegando que seria algo positivo. Essa forma de pensar dos portugueses, mais tarde, acabou se con-

vertendo em política de governo.

Como Angola já era tardia em sua descolonização e com a derrubada do Estado Novo em Portugal, datada de 25 de abril de 1974, vislumbra-se o fim das guerras coloniais que o regime ditatorial travava nos países africanos. Portugal estava enfraquecido e os movimentos libertários se avolumavam com amplo apoio popular. O processo de independência se anunciava. De acordo com Tania Macêdo,

A independência das ex-colônias portuguesas constituiu um processo sangrento, na medida em que houve um longo período de lutas que se iniciou em 1961 e se estendeu aos anos 1970, quando foram oficialmente declaradas as independências dos países africanos de língua portuguesa: Guiné-Bissau a 10 de setembro de 1974, Moçambique a 25 de junho de 1975 e no mesmo ano Cabo Verde a 05 de julho, São Tomé e Príncipe a

12 de julho e finalmente Angola a 11 de novembro (MACÊDO, 2020, p. 117).

12 de julho e finalmente Angola a 11 de novembro (MACÊDO, 2020, p. 117).

Após a independência, embora se esperasse a paz, não foi o que efetivamente aconteceu. As negociações, que tiveram início em janeiro de 1975 pelos principais movimentos de libertação: Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA); Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), tomaram rumos inesperados e, de acordo com Peralta (2019, p. 315) a realidade “revelou-se menos pacífica e as muitas tensões que

**Os portugueses chegaram à atual região de Angola em 1482, iniciando o que seria uma ‘longa presença’ no litoral da África.**

se calavam no plano da negociação política acabaram por rebentar em conflitos. Na realidade, novas demandas se apresentavam, e com as rivalidades entre grupos que agora estão no poder, associados à forte influência exercida por outros países, Angola caminha para uma sangrenta e dolorosa guerra civil. É nesse contexto que temos a saída de milhares de portugueses que residiam nos países africanos.

Resultante do processo de descolonização, calcula-se que entre 500 e 800 mil colonos portugueses tenham deixado a África entre 1974 e 1979. Peralta (2019, p. 317), lembra-nos que pelo Censo de 1981 “Portugal recebeu 471.427 imigrantes das ex-colónias, dos quais 290.504 de Angola (61,6%) [...]”. Lembra-nos ainda a autora, mencionando a pesquisa do sociólogo Rui Pena Pires, que “não existe coincidência absoluta entre a população assim recenseada e o número real de repatriados” (PERALTA, 2019, p. 317), até porque não é incluído aí, por exemplo, os que retornaram à ex-metrópole só anos mais tarde.

Considerando esse clima turbulento que culminou com a fuga dos portugueses colonos, o autor Júlio Magalhães no romance escopo de nossa análise, menciona que “o regresso a Portugal era inevitável e tinha de ser feito a todo o momento e de qualquer maneira. Os homens começaram então a mandar as mulheres e os filhos para a metrópole” (MAGALHÃES, 2010, p.54).

Como se depreende dos registros acima, o breve enquadramento histórico é fundamental para a investigação sobre os “retornados” e as relações que o império português manteve com Angola.

### 3 A ponte aérea e o voo 233

Faremos uma breve análise a partir das narrativas ficcionais que se sucederam em um dos voos da mencionada ponte aérea, o voo 233. Em nosso recorte, figuram como protagonista a aeromoça Joana e outros dois personagens do voo até Lisboa. São, por vezes, leituras nostálgicas e que “memorializam o passado colonial como um ‘sonho dourado’” (PERALTA, 2019, p. 333), mas, que, dentro de nossa proposta, delineado pelos registros históricos e sempre seguindo de perto teóricos que abordaram a temática, poderão dar importantes pistas acerca do que viveram e como pensavam os “retornados” de Angola.

Seguramente não foi “uma missão de turismo, mas quase uma missão de salvamento” (MAGALHÃES, 2010, p. 48), precisavam “fugir aos dias de terror que se aproximavam” (Ibidem, p. 48). A angústia inicial de todos que almejavam

estavam naquele voo para fugir do cenário de guerra que se instalara em Angola terminara, “mas agora, dentro daquela aeronave voavam para o desconhecido” (Ibidem, p. 93).

A aeromoça Joana começa a atender a todos os passageiros com a maior atenção possível, desempenhando seu papel profissional e “também de quase confiante de cada um dos passageiros daquele voo” (MAGALHÃES, 2010, p. 132).

O primeiro passageiro que entendemos ser importante apresentar é José Carlos que “era um homem de África” (Ibidem, p. 93). Era proprietário de uma fábrica de tecidos em Luanda, onde “ao longo

dos últimos meses a maior parte dos funcionários partira para a metrópole” (Ibidem, p. 93) e, sendo assim, “a produção foi parando e agora já nada justificava a sua laboração” (Ibidem, p. 93).

Para pensar a saída dos “retornados”, vale observar o processo que levou milhares de portugueses, em anos anteriores, a escolher Angola como local de refúgio e mudança de vida. O pesquisador José Luís Cabaço, (2009, p. 59), adverte que, inicialmente, as pessoas que iam para esses países eram “homens sem profissão, missionários corruptos, aventureiros sem escrúpulos”. Portugal precisava, portanto, rever essa situação, assim, era imperioso para a política de colonização,

a criação de estímulos capazes de motivarem a emigração de gente qualificada, de camponeses com experiência, artesãos, operários, que dessem conteúdo à ocupação efectiva das colónias. Só com a consolidada presença de colonos se poderia criar uma base económica que respondesse às necessidades da burguesia da metrópole (CABAÇO, 2009, p. 59).

Nesse horizonte, Cláudia Castelo (2017, p. 65), alude ao fato de que muitos que se dirigiam às colônias, orientavam-se à chegada “sobretudo para atividades comerciais”. No romance de Júlio Magalhães, José Carlos era mais um que deixaria para trás seus empreendimentos em África para retornar a Portugal. Ademais, a fábrica de tecidos de que era proprietário “já não tinha ninguém” (MAGALHÃES, 2010, p. 93).

Ao analisarmos as leituras sobre esse contexto de saída e do que deixaram em Angola, observa-se ainda, no discurso de muitos daqueles que tiveram de voltar, “a ideia de que foram abandonados pelo Estado português e forçados ao exílio, so-

frendo perdas afetivas e econômicas em função dos bens deixados [...]” (FLORES, 2019, 136-137). No caso de José Carlos, “foi por pouco que não ficou em terra” (MAGALHÃES, 2010, p. 93), justamente porque ele havia levado sua família, a mulher com uma irmã e dois filhos, para o aeroporto e “estava no porto marítimo a tentar colocar dentro de um barco todos os haveres que tinha conseguido encaixotar” (Ibidem, p. 93).

Com efeito, importante mencionar que os portugueses, ao regressar, procuravam levar o máximo que podiam para seu novo destino. De acordo com Tania Macêdo (2020, p. 117), “O símbolo desse movimento são os caixotes de madeira compensada que levam seus pertences”. A autora ainda complementa: “Se nos caixotes os colonos procuravam embalar os bens (poucos ou muitos) amealhados em África, neles estava também, simbolicamente, o Império que ruíra. (MACÊDO, 2020, p. 118).

Objetivando colmatar algumas lacunas acerca dos “retornados” bem como analisar a ambivalência e ruturas que se observaram por ocasião do regresso, analisaremos ainda a presença de uma outra personagem.

No voo, na última fila, “um homem alto e magro, de pele morena, nos seus trinta e seis anos, dirigia-se para a parte traseira do avião. Precisava de fumar um cigarro. Estava visivelmente nervoso e tenso” (MAGALHÃES, 2010, p. 127). Tratava-se de José Coimbra, vivia em Luanda, porém nascera em Sá das Bandeiras. Tinha três filhos. A mãe era angolana e o pai, um imigrante do Porto. “Coimbra nunca pensou em regressar a Portugal, até porque, ‘regressar’ não seria o termo correto, já que nasceu em África e nunca estivera no continente” (Ibidem, 2010, p. 127).

Um dado importante de como a expressão “retornados”, embora socialmen-

te construída, não dá conta de exprimir a diversidade desse grupo a que se refere. Segundo Christoph Kalter (2015, p. 106) “um grupo que estava longe de ser homogêneo. Era, pelo contrário, diversificado a vários níveis”, tanto do ponto de vista socioeconômico, grau de escolaridade, idade, sexo e etnia, e até pelas redes familiares e sociais que possuíam. Alguns tinham laços familiares na metrópole, outros não. Kalter, acerca da expressão, alude ao fato de que,

é um termo jurídico que define um grupo de pessoas e regula os seus direitos. Um decreto-lei de março de 1975 deu origem ao IARN, estabelecendo o conceito de ‘retorno’ através da instituição que o criava. O substantivo ‘retornados’ surgiu apenas alguns meses mais tarde, num decreto-lei de outubro de 1975, altura em que a operação de grande escala que foi a ponte aérea se encontrava a funcionar havia já semanas (KALTER, 2017, p. 108).

“Toda a gente vivia bem, não havia falta de emprego e mudávamos de uma cidade para outra sem qualquer problema. Os portugueses viviam bem, mas trabalhavam muito para isso”

Sob essa égide, importante que se diga que uma expressiva parte daqueles que “tomaram assento” nos voos dessa que foi, talvez, a maior ponte aérea da história, não haviam nascidos em Portugal. As pesquisadoras Maria Paula Meneses e Catarina Gomes lembram-nos de que,

De acordo com dados disponibilizados pelo INE, dos 505.078 retornados que tinham vivido nas colónias africanas antes de 1975, 298.968 eram originários

[3] INE - Instituto Nacional de Estatística de Portugal.

de Portugal, ou seja, cerca de 60%. Os restantes (206.110) eram portugueses já nascidos nas então províncias ultramarinas. Para estes, a descolonização terá implicado mais uma ‘partida’ do que um ‘retorno’ (MENESES; GOMES, 2013, p. 97)<sup>3</sup>

Portanto, tanto no âmbito da matéria ficcional, com a personagem José Coimbra, como com várias outras pessoas no decurso da história desse deslocamento, a expressão “retornados” carece de ser devidamente contextualizada.

Coimbra, no romance, “nas conversas que envolviam recordações” (MAGALHÃES, 2010, p. 127, gostava de referir-se a Angola como “a sua terra” (Ibidem, p. 127), isto posto, torna-se compreensível, porém não aceitável, o sentimento de “raiva e dor” (Ibidem, p. 128) que o impulsionava a proferir palavras agressivas contra o processo que catapultou a descolonização: “Maldito 25 de abril” (Ibidem, p. 128), e, finalmente, selar a condição que, efetivamente,

, o deixava tão amargurado em relação à independência do país africano: “para nós foi um descalabro” (Ibidem, p. 128).

Joana, que “estava comovida com o que escutava” (Ibidem, p. 129), ainda precisa ouvir José Coimbra, com saudosismo, tentar justificar a presença dos portugueses em Angola referindo-se ao quanto se dedicavam ao trabalho: “Toda a gente vivia bem, não havia falta de emprego e mudávamos de uma cidade para outra sem qualquer problema. Os portugueses viviam bem, mas trabalhavam muito para isso” (Ibidem, p. 129)

Por outro lado, temos em seguida,

nos relatos do narrador, algo que é fulcral mencionarmos. Referindo-se à fala de José Coimbra, o narrador acrescenta que “a emoção e alguma parcialidade impediam-no de encarar de certa forma os anos de intenso colonialismo português [...]” (Ibidem, p. 129). Deveras, cremos ter aqui um fragmento aporético, até porque o que predominava na narrativa até então eram relatos de saudosismo e indignação pelo retorno. Não raro eram discursos triunfalistas que não se distanciavam das afirmações dos colonizadores dos séculos XIX e XX, pois, como aqueles, os sujeitos do presente explicitam o sucesso atingido com o “trabalho honesto” e com “sacrifícios” (MACÊDO, 2020, p. 120). Com afirmativas acerca da injustiça que sofreram e a menção ao fato de que Angola era a sua terra de pertencimento e a metrópole lhe era alheia, abre-se, de acordo com Tania Macêdo, uma possível interpretação de “falta de responsabilidade dos colonos frente ao fato colonial, assim como a rasura das benesses que foram usufruídas e do status de homem branco em uma colônia (MACÊDO, 2020, p. 123).

Para além destas questões conjunturais e do recorte historiográfico, o que se apresenta por meio do processo narrativo, são as demandas coletivas dos “retornados”, que são (re) vivenciadas, seja por

intermédio da figurativização do que foi a ponte aérea ou da análise das figurações da memória das personagens.

## Considerações finais

A obra *Os retornados: um amor nunca se esquece*, traz em seu bojo a realidade de muitos portugueses que tiveram que regressar à metrópole em uma ponte aérea por ocasião da independência de Angola, considerada a joia do império português. Partir e recomeçar tudo de novo em Portugal não era uma opção, e isso justifica os relatos que misturam indignação pela independência e saudosismo do que deixavam para trás.

O percurso analítico que nos propomos a desenvolver aqui, embora tenha sido como escopo uma obra que apresenta narrativas de “retornados”, trouxe também uma leitura contrapontística, na medida em que ao refletirmos sobre essa leitura saudosista da terra que se perdera, também dialogamos sobre o quanto essa mesma terra foi objeto da violência social e política pelo projeto imperialista português.

## Referências

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação**. São Paulo: Unesp, 2009.

CASTELO, Cláudia. Migração colonial para Angola e Moçambique (séculos XIX-XX). In: PERALTA, Elsa; GÓIS, Bruno; OLIVEIRA, Joana. **Retornar: Traços de memória do fim do império**. Lisboa: Edições 70, 2017.

FLORES, Marilda dos Santos Monteiro. **Retornados, desalojados, deslocados: a construção da memória do regresso de Angola para Portugal**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

KALTER, Christoph. Gente pós-colonial: quem eram os retornados? In: PERALTA, Elsa; GÓIS, Bruno; OLIVEIRA, Joana. **Retornar: Traços de memória do fim do império**. Lisboa:

Edições 70, 2017.

MACÊDO, Tania. “O Romance português dos retornados – A viagem de retorno ao império colonial português”. **Revista Mulemba**, Rio de Janeiro, nº 22, p. 115-126, jan.jun 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/39819/21653>

MAGALHÃES, Júlio. **Os retornados: um amor nunca se esquece**. Lisboa: A esfera dos livros, 2010.

PERALTA, Elsa; GÓIS, Bruno; OLIVEIRA, Joana. **Retornar: Traços de memória do fim do império**. Lisboa: Edições 70, 2017.

PERALTA, Elsa. A integração dos “retornados” na sociedade portuguesa: identidade, desidentificação e ocultação. **Análise Social**. Lisboa, nº 231, p. 310-337, 2019.





## Artista Visual Homenageada (in memoriam):



### Capucine Piccaroli

Foi uma artista plástica brasileira contemporânea. Participou de exposições individuais e integrou outras coletivas pelo Brasil e pelo mundo: Espacio Uruguay - em São Paulo; Bienal do Rio - no Museu Histórico do Rio de Janeiro. E em países como Japão, Finlândia, México, no Museu do Louvre, em Paris (França) e no MoMa, em Nova Iorque (EUA). Em 2017 Capucine foi Laureada pela Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture - Academia Francesa de Arte, em Paris. Ela amava a vida e a arte. Sua essência única e vibrante estão immortalizadas em suas obras, transcendendo o tempo e tornando seu trabalho sempre atual, intenso, interessante e inigualável. Exatamente como ela foi.

Assessoria Capucine: [helenamesquita1@gmail.com](mailto:helenamesquita1@gmail.com)

Realização

**PPGEL**

**UNEMAT**